

A ansiedade e automedicação em acadêmicos de medicina.

Anxiety and self-medication in medical students.

Ansiedad y automedicación en estudiantes de medicina.

Ana Flávia Marques Benvindo¹, Beatriz Bittar Mourão Trabulsi¹, Geisa Maria Bollis Giombelli¹,
Raabe Mendanha Campos¹ e Marília Zeczkows Klaus¹.

RESUMO

Objetivo: Identificar a prevalência de estudantes de medicina que sofrem de ansiedade e praticam automedicação. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa descritiva exploratória conduzida com 189 indivíduos de uma instituição de ensino superior particular que estão regularmente matriculados no curso de medicina e maiores de 18 anos. A coleta de dados foi realizada por meio de formulário eletrônico enviado através das mídias sociais. Os dados foram analisados utilizando o Teste TAG e questionário de automedicação. **Resultados:** Foram identificados uma prevalência de 33,9% de estudantes com sintomas de ansiedade e 24,9% com transtorno de ansiedade generalizada. O sexo feminino apresentou uma proporção maior ($p = 0,001$) de sintomas de ansiedade e TAG em comparação com homens. Quanto a automedicação, identificou-se que 69,3% dos acadêmicos consomem medicamentos sem receita médica, sendo que 17,5% adquiriram por conta própria e 6,3% por meio de familiares. **Conclusão:** A identificação da ansiedade e de transtornos de ansiedade generalizados reforçam a necessidade de acompanhamento psicológico no meio acadêmico afim de orientar sobre os sintomas de ansiedade e outros problemas de saúde mental. Além disso, um ambiente de apoio psicológico pode ajudar os estudantes a lidarem com o estresse e as pressões associadas à graduação, reduzindo o risco de automedicação e outros comportamentos prejudiciais à saúde

Palavras-chave: ansiedade, automedicação, acadêmicos, medicina.

ABSTRACT

Objective: Identify the prevalence of medical students who suffer from anxiety and practice self-medication. **Methods:** This is an exploratory descriptive research conducted with 189 individuals from a private higher education institution who are regularly enrolled in the medical course and over 18 years of age. Data collection was carried out using an electronic form sent via social media. Data were analyzed using the TAG Test and self-medication questionnaire. **Results:** The prevalence of 33.9% of students with anxiety symptoms and 24.9% with generalized anxiety disorder were identified. Females had a higher proportion ($p = 0.001$) of anxiety and GAD symptoms compared to males. Regarding self-medication, it was identified that 69.3% of students consume medicines without a prescription, with 17.5% purchasing them on their own and 6.3% through family members. **Final consideration:** The identification of anxiety and generalized anxiety disorders reinforces the need for psychological support in the academic environment in order to provide guidance on symptoms of anxiety and other mental health problems. Additionally, a supportive psychological environment can help students deal with the stress and pressures associated with graduation, reducing the risk of self-medication and other unhealthy behaviors.

Keywords: anxiety, self-medication, academics, medicine.

¹ Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC), Palmas – Tocantins. E-mail:

RESUMEN

Objetivo: Identificar la prevalencia de estudiantes de medicina que padecen ansiedad y practican la automedicación. **Métodos:** Se trata de una investigación descriptiva exploratoria realizada con 189 personas de una institución de educación superior privada, matriculadas regularmente en la carrera de medicina y mayores de 18 años. La recolección de datos se realizó mediante un formulario electrónico enviado a través de las redes sociales. Los datos fueron analizados mediante el Test TAG y el cuestionario de automedicación. **Resultados:** Se identificó una prevalencia de 33,9% de estudiantes con síntomas de ansiedad y 24,9% con trastorno de ansiedad generalizada. Las mujeres tuvieron una mayor proporción ($p = 0,001$) de síntomas de ansiedad y TAG en comparación con los hombres. En cuanto a la automedicación, se identificó que el 69,3% de los estudiantes consume medicamentos sin receta, el 17,5% los adquiere por cuenta propia y el 6,3% a través de familiares. **Conclusión:** La identificación de la ansiedad y los trastornos de ansiedad generalizada refuerza la necesidad de apoyo psicológico en el ámbito académico con el fin de brindar orientación sobre los síntomas de ansiedad y otros problemas de salud mental. Además, un entorno psicológico de apoyo puede ayudar a los estudiantes a lidiar con el estrés y las presiones asociadas con la graduación, reduciendo el riesgo de automedicación y otros comportamientos nocivos para la salud.

Palabras clave: ansiedad, automedicación, académicos, medicina.

INTRODUÇÃO

Segundo a American Psychiatric Association (APA, 2013), a ansiedade pode ser definida como uma resposta emocional caracterizada por preocupação, apreensão e nervosismo diante de situações percebidas como ameaçadoras ou desafiadoras. Essa definição destaca a natureza complexa da ansiedade, que pode se manifestar de várias formas e intensidades, influenciada pela percepção individual de eventos ou circunstâncias. A ansiedade pode ser uma resposta adaptativa em certas situações, preparando o indivíduo para lidar com desafios, mas quando excessiva ou desproporcional, pode interferir significativamente na vida cotidiana e no bem-estar emocional (LENHARDT e CALVETTI, 2017).

A prevalência dos sintomas de ansiedade tem se tornado mais frequentes na população atual e principalmente nos estudantes de cursos superiores, com destaque para os acadêmicos de medicina. De acordo com Voltmer, et al. (2012), em uma comparação dos níveis de ansiedade entre estudantes universitários, os acadêmicos de medicina demonstraram níveis significativamente mais elevados de ansiedade e depressão em comparação com estudantes de outros cursos. Além disso, o curso de Medicina é reconhecido como um dos mais concorridos do país, o que pode contribuir para o surgimento dos sintomas de ansiedade já na fase do pré-vestibular (BRASIL, 2023). Nesse contexto, é importante ressaltar que parte dos acadêmicos não procuram ajuda psiquiátrica para os sintomas de ansiedade durante sua formação acadêmica, optando por soluções mais rápidas e fáceis como a prática da automedicação (VASCONCELOS et al., 2014; VOLTMER et al., 2012).

A automedicação, definida como o ato de tomar medicamentos sem orientação médica, é frequentemente vista como uma solução rápida para aliviar sintomas, porém pode resultar em consequências graves e subestimadas (Hoffmann, 2017). Entre os fármacos mais utilizados para tratar a ansiedade estão os benzodiazepínicos, como o diazepam (Valium) e alprazolam (Xanax), assim como os medicamentos antidepressivos, incluindo os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (Almeida, 2017). Conforme Schwars e Wojtczar (2007), os estudantes de medicina podem recorrer à automedicação por diversas razões, tais como o acesso facilitado a medicamentos, o intenso estresse vivenciado durante a formação e a falta de conhecimento sobre os riscos associados a essa prática.

Dada a relevância da investigação sobre ansiedade e automedicação entre os acadêmicos dos cursos de medicina, o objetivo dessa pesquisa é identificar a prevalência de estudantes dessa área que possuem ansiedade e praticam a automedicação em uma instituição de ensino particular na cidade de Palmas, no Tocantins.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva e exploratória, empregando uma abordagem quantitativa. Os procedimentos metodológicos incluem levantamento, pesquisa bibliográfica e análise documental, conforme descrito por Almeida (2021). A população-alvo consistiu nos alunos de um estabelecimento de ensino superior privado situado em Palmas, Tocantins. Foram incluídos os alunos regularmente matriculados no curso de medicina, com idade superior a dezoito anos, enquanto os que não preencheram o formulário ou não aceitaram o termo de consentimento foram excluídos.

O projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil para análise pelo Comitê de Ética da UNITPAC, conforme a Resolução CNS nº 466/12 sobre pesquisa com seres humanos. O consentimento informado foi obtido digitalmente e incluído no questionário para que os participantes confirmassem sua ciência e concordância voluntária em participar da pesquisa.

Os dados foram coletados individualmente por meio da plataforma virtual Google Forms, resultando em uma amostra de 189 participantes, e posteriormente organizados e digitados no editor Microsoft Office Excel 2016. Em seguida, foram transferidos para o software SPSS 26 (Statistical Package for the Social Sciences) para a realização das análises estatísticas. Para a estatística descritiva, foram empregadas medidas de posição, como média e mediana, além de medidas de dispersão, como desvio padrão, para variáveis quantitativas. Para as variáveis qualitativas, foram utilizadas frequências absolutas e relativas. Quando pertinente, foram calculados intervalos de confiança de 95%. Na análise inferencial, o teste qui-quadrado foi aplicado para investigar possíveis associações entre o perfil sociodemográfico e a classificação do questionário TAG dos acadêmicos. Para as variáveis significativas, a razão de chance foi calculada por meio de regressão logística binária. Todos os testes foram conduzidos com um nível de significância de 5% e um nível de confiança de 95%.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos dados da Tabela 1, que descreve o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa, observa-se que a amostra é predominantemente composta por jovens adultos, com 48,7% dos participantes na faixa etária de 21 a 25 anos. Além disso, a maioria dos participantes é do sexo feminino, representando 64% da amostra. Quanto à raça e cor, os participantes, em sua maioria, se autodeclararam brancos (52,9%) e pardos (41,8%). Em relação ao estado civil, a maioria dos participantes é composta por indivíduos solteiros, representando 83,6% da amostra. Quanto a formação na educação básica, 67,2% são provenientes de escolas particulares. No que diz respeito à situação acadêmica, 81% dos participantes estão dedicados exclusivamente aos estudos. Quanto ao ciclo acadêmico, observa-se uma distribuição relativamente equilibrada entre o ciclo básico (46%), ciclo clínico (47,6%) e internato (6,3%).

Tabela 01- Caracterização do perfil sociodemográfico de acadêmicos de medicina proveniente do setor privado, localizada na cidade de Palmas, Tocantins. 2024.

	N (%)	IC-95% ¹
Idade		
16 - 20	47(24,9)	(19,1-31,4)
21-25	92(48,7)	(41,6-55,8)
26-30	22(11,6)	(7,7-16,8)
31-35	15(7,9)	(4,7-12,4)
>35 anos	13(6,9)	(3,9-11,2)
Sexo		
Feminino	121(64,0)	(57,0-70,6)
Masculino	68(36,0)	(29,4-43,0)
Raça		
Branca	100(52,9)	(45,8-59,9)
Parda	79(41,8)	(34,9-48,9)
Preta	4(2,1)	(0,7-5,0)

Outros	6(3,2)	(1,3-6,4)
Estado Civil:		
Casado	29(15,3)	(10,7-21,0)
Divorciado	2(1,1)	(0,2-3,4)
Solteiro	158(83,6)	(77,8-88,3)
Estudou em:		
Ambas	36(19,0)	(13,9-25,1)
Escola particular	127(67,2)	(60,3-73,6)
Escola pública	26(13,8)	(9,4-19,2)
Profissão:		
Estudante	153(81,0)	(74,9-86,1)
Estudante + outra profissão	36(19,0)	(13,9-25,1)
Qual ciclo você está cursando:		
Ciclo básico	87(46,0)	(39,0-53,2)
Ciclo clínico	90(47,6)	(40,6-54,7)
Internato	12(6,3)	(3,5-10,5)

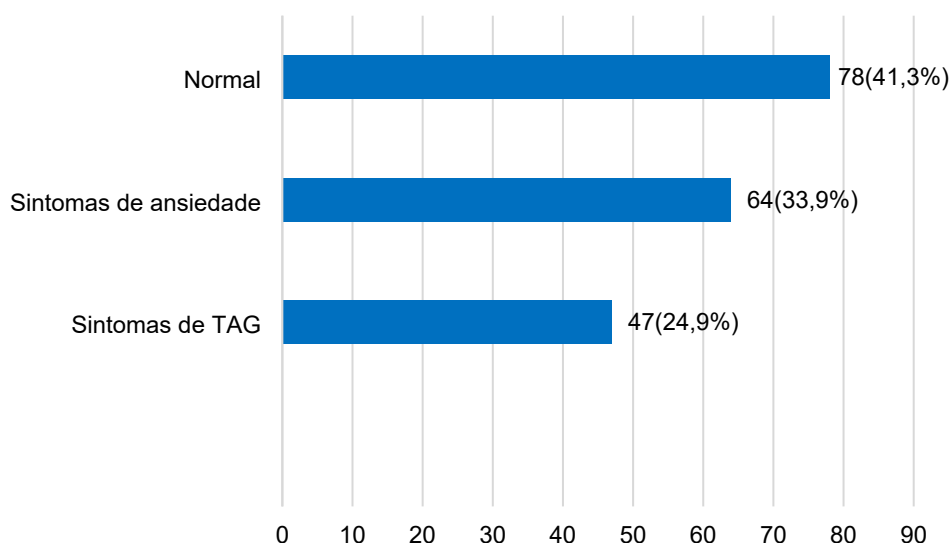
Fonte: Benvindo, AFM, et al., 2024.

¹IC-95% para frequência relativa.

O perfil sociodemográfico identificado nesta pesquisa na instituição se assemelha aos achados de estudos anteriores, como os de Souza et al. (2018), Zazula et al. (2019) e Veras et al. (2020). Esses estudos também destacaram a predominância da presença feminina nos cursos de medicina no Brasil, o que é consistente com os resultados observados nesta pesquisa. Além disso, assim como neste estudo, essas pesquisas também encontraram uma concentração significativa de participantes na faixa etária de 21 a 25 anos. Essas semelhanças nos perfis sociodemográficos reforçam a validade e a representatividade dos resultados obtidos, contribuindo para uma compreensão mais ampla e contextualizada da realidade dos acadêmicos de medicina no país.

No que se refere a ansiedade, 33,9% dos participantes indicaram ter sintomas de transtorno de ansiedade generalizada (TAG). Além disso, 24,9% demonstraram sintomas de ansiedade, indicando uma prevalência considerável desse distúrbio entre os acadêmicos de medicina. Por outro lado, a maioria dos participantes, representando 41,3%, não apresentou nenhuma das problemáticas anteriores, conforme ilustra o gráfico 1.

Gráfico 01- Classificação do questionário TAG em acadêmicos de medicina proveniente do setor privado, localizada na cidade de Palmas, Tocantins, 2024.



Fonte: Benvindo, AFM, et al., 2024.

Média (IC-95%): 53,63(51,88-55,38); Mediana: 53,00; Desvio Padrão:12,22

Os dados de transtorno de ansiedade generalizada se aproximam dos achados por Trindade Júnior et al., (2021), que ao entrevistar 159 alunos do curso de medicina da Universidade do Estado do Pará, constatou que 32,7% apresentaram sintomas de TAG. Mota et al., (2020), em uma pesquisa de revisão bibliográfica também identificou que cerca de 30% dos acadêmicos dos cursos de medicina apresentam ansiedade ou transtorno de ansiedade generalizados, conforme os autores, os sintomas surgem em decorrência de vários fatores, destacando-se a pressão acadêmica, carga de trabalho, preocupações financeiras e privação do sono.

Quanto aos sintomas de ansiedade, os dados estão abaixo dos encontrados por Lamonier, et al., (2023), que identificou a prevalência de 83,3% de sintomas de ansiedade em um grupo de 60 alunos de medicina. Outros achados na literatura apontam que as taxas de prevalência de ansiedade variam de 35,5% a 66,7% em estudantes brasileiros de medicina (TABALIPA et al., 2015; MAYER et al., 2016; MOUTINHO et al., 2017), sendo assim o resultado encontrada na pesquisa está dentro dos parâmetros observados em outros estudos.

Na relação do perfil sociodemográfico com a classificação do questionário TAG, apresentado na tabela 3, identificou-se que não há associação significativa da idade com sintomas de ansiedade ou TAG. Contudo, nota-se que o sexo apresenta uma relação significativa, no qual mulheres apresentam uma proporção maior ($p = 0,001$) de sintomas de ansiedade e TAG em comparação com homens. Outra relação importante está na formação básica, onde alunos que estudaram em escolas particulares apresentam maiores proporções de ansiedade e TAG ($p = 0,026$) do que alunos que estudaram em escolas públicas.

A prevalência de sintomas de ansiedade ou Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) em mulheres estudantes de medicina foi destacada por Nogueira et al. (2021), Costa et al. (2020), Pinto et al. (2018) e Leao et al. (2018). Esses estudos ressaltam que as mulheres tendem a ser mais vulneráveis ao estresse e à ansiedade em comparação aos homens, atribuindo essa disparidade a uma carga de atividades geralmente mais elevada para as mulheres. Além disso, os autores sugerem que as mulheres podem ser mais conscientes de seus sentimentos e tendem a expressá-los com mais clareza do que os homens. Costa et al. (2020) ainda indicam que os homens também podem experimentar níveis elevados de ansiedade, mas podem ter dificuldade em expressar esses sentimentos em questionários devido à sua dificuldade em identificar e comunicar as emoções que os afligem.

Tabela 03- Análise de associação entre o perfil sociodemográfico e a classificação do questionário TAG acadêmicos em acadêmicos de medicina proveniente do setor privado, localizada na cidade de Palmas-Tocantins.2024.

	Teste TAG		P-valor ¹	P-valor ²	OR-95%
	Normal	Sintomas de ansiedade/TAG			
	N (%)	N (%)			
Idade			0,907		
16 - 20	19(24,4)	28(25,2)			
21-25	36(46,2)	56(50,5)			
26-30	11(14,1)	11(9,9)			
31-35	6(7,7)	9(8,1)			
>35 anos	6(7,7)	7(6,3)			
Sexo			0,001		
Feminino	39(50,0)	82(73,9)		0,001	2,828(1,531-5,222)
Masculino	39(50,0)	29(26,1)			b
Raça			0,270		
Branca	38(48,7)	62(55,9)			
Parda	33(42,3)	46(41,4)			
Preta	3(3,8)	1(0,9)			
Outros	4(5,1)	2(1,8)			
Estado Civil:			0,968		
Casado	12(15,4)	17(15,3)			
Divorciado	1(1,3)	1(0,9)			
Solteiro	65(83,3)	93(83,8)			
Estudou em:			0,006		
Ambas	9(11,5)	27(24,3)		0,002	5,667(1,876-17,116)

Escola particular	52(66,7)	75(67,6)	0,026	2,724(1,128-6,581)
Escola pública	17(21,8)	9(8,1)		b
Profissão:			0,667	
Estudante	62(79,5)	91(82,0)		
Estudante + outra profissão	16(20,5)	20(18,0)		
Qual ciclo você está cursando:			0,333	
Ciclo básico	31(39,7)	56(50,5)		
Ciclo clínico	41(52,6)	49(44,1)		
Internato	6(7,7)	6(5,4)		

Fonte: Benvindo, AFM, et al., 2024.

A tabela 4 exibe os dados acerca da automedicação dos acadêmicos de medicina, onde identificou-se que a maioria dos participantes (69,3%) admitiu consumir medicamentos sem receita médica, o que indica uma alta prevalência de automedicação entre os estudantes de medicina. Em 58,7% os participantes relataram ler a bula dos medicamentos, isso sugere que estão cientes dos medicamentos que estão consumindo. No que se refere aos efeitos adversos, 82% dizem ter conhecimento quanto aos efeitos do uso inadequado de medicamentos para ansiedade.

Referente a automedicação para tratamento de ansiedade, apenas 20,6% confirmaram usar medicamentos para ansiedade sem prescrição médica, e os motivos mais comuns para a automedicação incluem custo de uma consulta médica (6,3%), demora em conseguir consulta médica (3,7%) e falta de tempo para ir ao médico (5,3%).

Quanto ao acesso aos medicamentos, 17,5% adquiriram por conta própria e 6,3% por meio de familiares. Já no que se refere ao aconselhamento ou influência para a automedicação, 7,9% dizem consumir por conhecimento próprio, e em 5,3% dos casos há indicação de familiares e 4,8% por indicação de amigos. Referente as motivações para a automedicação, 7,4% consideram ter conhecimentos teóricos suficientes para se automedicar, e 7,4% dizem fazer o uso baseado em indicação anterior e 3,2% se automedicam baseados no uso do medicamento dentro do ciclo familiar.

Em relação ao uso do medicamento, observou-se que 11,1% dos participantes relataram utilizar sempre o mesmo remédio para lidar com a ansiedade, enquanto 9% optam por variar o medicamento conforme a situação de ansiedade que enfrentam. Adicionalmente, 4,8% indicaram recorrer ao medicamento disponível no momento. Quanto à disponibilidade do medicamento, 12,7% dos participantes afirmaram não manter o medicamento em estoque doméstico, optando por adquiri-lo apenas quando necessário, enquanto 12,2% mantêm o medicamento regularmente em sua residência.

Tabela 04- Caracterização das respostas do questionário sobre a automedicação de acadêmicos de medicina proveniente do setor privado, localizada na cidade de Palmas-Tocantins. 2024.N:189.

	N (%)	IC-95%
17) Você já consumiu medicamentos (de uso geral) sem receita médica?		
Não	58(30,7)	(24,4-37,5)
Sim	131(69,3)	(62,5-75,6)
18) Você lê a bula dos medicamentos?		
Não	78(41,3)	(34,4-48,4)
Sim	111(58,7)	(51,6-65,6)
19) Você tem conhecimento dos possíveis efeitos adversos que o uso inadequado dos medicamentos para ansiedade pode trazer?		
Não	34(18,0)	(13,0-23,9)
Sim	155(82,0)	(76,1-87,0)
20) Você já consumiu algum medicamento sem receita médica quando teve sintomas de ansiedade?		
Não	150(79,4)	(73,2-84,7)
Sim	39(20,6)	(15,3-26,8)
22) Qual motivo o levou a prática da automedicação para ansiedade?		
Custo de uma consulta médica	12(6,3)	(3,5-10,5)
Demora em conseguir consulta médica	7(3,7)	(1,7-7,1)

Falta de tempo para ir ao médico	10(5,3)	(2,8-9,2)
Fitoterápico	1(0,5)	(0,1-2,4)
Minha mãe que já usufruiu (com receita) queria me ajudar e me deu, mas não cheguei a usar por 5 tempo.	1(0,5)	(0,1-2,4)
Não havia necessidade de consulta médica para o problema apresentado	12(6,3)	(3,5-10,5)
Não realizei uso de medicamento para ansiedade sem prescrição médica	144(76,2)	(69,8-81,8)
Por livre e espontânea vontade	1(0,5)	(0,1-2,4)
tempo de espera para consulta, falta de tempo com a correria, custo consulta	1(0,5)	(0,1-2,4)

23) Quem compra o medicamento para ansiedade (ex: ansiolíticos/antidepressivo)?

Amigos	5(2,6)	(1,0-5,7)
amigos e familiares	1(0,5)	(0,1-2,4)
Familiares	12(6,3)	(3,5-10,5)
Não realizei uso de medicamento para ansiedade sem prescrição médica	138(73,0)	(66,4-79,0)
Própria pessoa	33(17,5)	(12,6-23,3)

24) Quem aconselhou/influenciou o uso do medicamento para ansiedade?

Amigos	9(4,8)	(2,4-8,5)
Conhecimento próprio	15(7,9)	(4,7-12,4)
Familiares	10(5,3)	(2,8-9,2)
Farmacêutico	1(0,5)	(0,1-2,4)
Internet	1(0,5)	(0,1-2,4)
Médico	2(1,1)	(0,2-3,4)
Não realizei uso de medicamento para ansiedade sem prescrição médica	145(76,7)	(70,3-82,3)
Prescrição antiga	6(3,2)	(1,3-6,4)

25) Se a utilização for própria, em que se baseia para utilizá-los:

Acredito ter conhecimento teórico para me medicar	14(7,4)	(4,3-11,8)
Costume, uso crônico. Consultou uma vez, resolveu o problema e contínuo o uso	14(7,4)	(4,3-11,8)
crise de ansiedade forte e precisava passar	1(0,5)	(0,1-2,4)
Informado por quem indicou.	1(0,5)	(0,1-2,4)
meu familiar usava para isso então usei	1(0,5)	(0,1-2,4)
Não realizei uso de medicamento para ansiedade sem prescrição médica	151(79,9)	(73,8-85,1)
Não utilizo mais sem receita, mas estão disponíveis na minha casa porque minha mãe utiliza (com receita e indicação). Não faço mais o uso.	1(0,5)	(0,1-2,4)
Todos os meus familiares usam e sei que resolve meu problema	6(3,2)	(1,3-6,4)

26) Você utiliza sempre os mesmos medicamentos para ansiedade quando apresenta os sintomas?

Não	17(9,0)	(5,5-13,7)
Não realizei uso de medicamento para ansiedade sem prescrição médica	142(75,1)	(68,6-80,9)
Sim	21(11,1)	(7,2-16,2)
Uso o que tiver disponível em casa	9(4,8)	(2,4-8,5)

27) Os remédios utilizados para ansiedade, sempre estão disponíveis em sua casa?

Não realizei uso de medicamento para ansiedade sem prescrição médica	142(75,1)	(68,6-80,9)
Não, mas compro quando preciso	24(12,7)	(8,5-18,0)
Sim, procuro sempre ter em casa	23(12,2)	(8,1-17,4)

28) Quantas vezes foi consultado(a) por um psiquiatra no último ano?

Nenhum	130(68,8)	(61,9-75,1)
1	22(11,6)	(7,7-16,8)
2	12(6,3)	(3,5-10,5)
≥3	25(13,2)	(9,0-18,6)

Fonte: Benvindo, AFM, et al., 2024.

A prevalência da automedicação entre estudantes de medicina foi destacada em diversas pesquisas recentes, destacando-se os estudos conduzidos por Nasário e Matos (2022), Araújo et al. (2021), e Silva et al. (2021). O estudo conduzido por Silva et al. (2021) com uma amostra de 42 participantes, constatou-se que 64,3% dos estudantes admitiram praticar a automedicação não apenas para lidar com a ansiedade, mas também para tratar sintomas depressivos e enfrentar sinais de infecções ou quadros inflamatórios. Por sua vez, Araújo et al. (2021), ao compararem a automedicação entre alunos de graduação em medicina e odontologia, identificaram que os ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes foram as classes farmacológicas mais utilizadas, sendo que os psicoestimulantes foram mais consumidos pelos estudantes de medicina.

Quanto à forma de acesso aos medicamentos, há uma discrepância nos resultados entre os estudos. Enquanto Nasário e Matos (2022) identificaram que em 56,5% dos casos os medicamentos são obtidos através de amigos, Silva et al. (2020) observaram que 62,6% dos participantes conseguem os medicamentos por conta própria. Essa diferença ressalta a variedade de fontes pelas quais os estudantes obtêm os medicamentos, indicando a necessidade de uma abordagem ampla ao estudar esse fenômeno.

Referente ao aconselhamento sobre o uso dos medicamentos, os autores destacam que 52,4% dos participantes fazem o uso por autoindicação, baseando-se em conhecimentos pré-existentes sobre o uso do medicamento. Essa autonomia na decisão de automedicação levanta questões importantes sobre a conscientização dos estudantes em relação aos riscos e benefícios desse comportamento.

CONCLUSÃO

É fundamental destacar a importância do acompanhamento psicológico dos acadêmicos de medicina para orientá-los sobre os sintomas de ansiedade e outros problemas de saúde mental. Este suporte psicológico pode desempenhar um papel importante na identificação precoce de sinais de ansiedade e na promoção de estratégias eficazes de enfrentamento. Além disso, um ambiente de apoio psicológico pode ajudar os estudantes a lidarem com o estresse e as pressões associadas à formação em medicina, reduzindo assim o risco de automedicação e outros comportamentos prejudiciais à saúde. Este acompanhamento também pode ajudar a reduzir o estigma em torno da saúde mental na comunidade acadêmica, incentivando os estudantes a buscarem ajuda quando necessário.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Menções em agradecimentos incluem instituições que de alguma forma possibilitaram a realização da pesquisa e/ou pessoas que colaboraram com o estudo, mas que não preencheram os critérios para serem coautores. Quanto ao financiamento, a informação deverá ser fornecida o nome da agência de fomento por extenso seguido do número de concessão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, ID. Metodologia do trabalho científico. Ed. Universidade Federal de Pernambuco, 2021.
- ALMEIDA, MGD. Análise do tratamento farmacológico em pacientes com ansiedade e distúrbios do sono com medicamentos ansiolíticos: uma revisão de literatura. (Bacharelado em Farmácia) Faculdade Maria Milza - FAMAM. Governador Mangabeira, p. 47. 2017.
- APA. American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013

- ARAÚJO AFLL, et al. Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de odontologia e medicina. *Revista Internacional de Educação Superior*, 2021, v. 7.
- BRASIL, Ministério da Educação. Cursos mais concorridos. Disponível em < <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mais-de-965-mil-ja-se-inscreveram-no-sistema-de-selecao-unificada-2023>> Acesso em 20 de abril de 2023
- COSTA DS, et al. Sintomas de depressão, ansiedade e estresse em estudantes de medicina e estratégias institucionais de enfrentamento. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2020, v. 44, n. 1.
- HOFFMANN AMM, et al. Automedicação entre acadêmicos de Enfermagem. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. Sup. 9, p. 841-848, 2017.
- LAMONIER FR, et al. Prevalência de ansiedade em acadêmicos de medicina. *Revista Foco*, 2023, v.16, n. 9.
- LENHARDT G, CALVETTI PU. Quando a ansiedade vira doença? Como tratar transtornos ansiosos sob a perspectiva cognitivo – comportamental. *Aletheia*, 2017, v.50, n. 1 – 2, p. 111 – 122.
- MAYER, F, et al. Factors associated to depression and anxiety in medical students: a multicenter study. *BMC Medical Education*, 2016, London, v. 16, n. 1.
- MOTA MLO, et al. A incidência do transtorno de ansiedade generalizada em acadêmicos de medicina. Disponível em <https://eventos.set.edu.br/al_sempesq/article/view/13815/6122> Acesso em 02 de abr de 2024.
- Moutinho ILD, et al. Depression, stress and anxiety in medical students: A cross-sectional comparison between students from diferente semesters. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 2017, v. 63, n. 1, p. 21-28.
- NASÁRIO BR, MATOS MPP. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de medicina. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 2022, v. 42.
- NOGUEIRA EG, et al. Avaliação dos níveis de ansiedade e seus fatores associados em estudantes internos de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2021, v. 45, n. 1.
- PINTO NAJ, et al. Prevalência de transtornos de ansiedade generalizada em estudantes de medicina. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas*, 2018, v. 2, n. 2.
- SCHWARZ, MR. WOJTCZAK, A. Global research on medical education: faculty development for medical education in international health: experiences at the John A. Burns School of Medicine. *Med Teach*, 2007, 29(2-3), 117-124.
- SILVA NKG, et al. Perfil da ansiedade e automedicação de alunos concluintes de cursos da área de saúde em uma Faculdade no Alto Sertão da Paraíba. *Revista Visão Acadêmica*, 2021, v. 22, n. 1.
- SOUZA JVG, et al. O perfil dos estudantes de graduação em medicina: uma revisão sistemática. *Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS*, 2018, v.8.
- TABALIPA FO, et al. Prevalência de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2015, v. 39, n. 3.
- TRINDADE JÚNIOR SC, et al. Prevalência do transtorno de ansiedade generalizada e do risco de suicídio em estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2021, v. 45, n. 2.
- VASCONCELOS TC, et al. Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2014, 39 (1), p. 135 – 142.
- VERAS RM, et al. Perfil socioeconômico e expectativa de carreira dos estudantes de medicina da Universidade Federal da Bahia. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2020, v. 44, n. 2.

VOLTMER E, et al. Perceived medical school stress and the development of behavior and experience patterns in German medical students. *Med Teach.* 2012;34(10):840-7. doi: 10.3109/0142159X.2012.706339. Epub 2012 Aug 23. PMID: 22917267.

ZAZULA R, et al. Perfil psicossocial de ingressantes de medicina em uma universidade bilíngue e multicultural. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 2019, v. 20, n.2.